

O problema da interpretação humanista do pensamento de Martin Heidegger na geografia humanista brasileira¹

Josimar Monteiro Santos

✉ josimar.histogeo@gmail.com

Luís Carlos Tosta dos Reis

✉ lctosta.reis@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca problematizar a interpretação humanista do pensamento do filósofo Martin Heidegger na vertente fenomenológica da geografia humanista brasileira. Essa problematização se organizou seguindo dois momentos, sendo o primeiro a demonstração da irreduzível incompatibilidade entre o pensamento de Heidegger e o Humanismo que pode ser comprovada em sua obra de 1947, intitulada “Carta sobre o Humanismo”. O segundo momento se dedica à análise dos trabalhos do geógrafo Eduardo Marandola Jr., considerado um autor de referência da vertente fenomenológica da geografia humanista no Brasil no que tange a requisição do pensamento de Heidegger para fundamentar uma perspectiva humanista na geografia. Requisição essa contrária à própria posição do referido filósofo, como será demonstrado no desenvolvimento do presente texto.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger, humanismo, geografia humanista brasileira.

1 O presente texto é resultado da dissertação de mestrado defendida em 2017 que possui como título: “Horizonte Humanista e Fenomenologia na Geografia: O problema da assimilação humanista do pensamento de Martin Heidegger”.

Introdução

O presente trabalho busca problematizar a interpretação humanista do pensamento de Heidegger na geografia brasileira. Essa problematização se justifica, principalmente, pela posição assumida pelo filósofo em seu livro de 1947 “**Carta sobre o humanismo**”.

O contexto no qual esse livro foi publicado pode ser assim resumido: O livro de Heidegger foi uma resposta à conferência “**O existencialismo é um humanismo**” proferida por Sartre em Paris no ano 1945, na qual o filósofo argumenta que

[...] O que torna as coisas complicadas é que existem duas espécies de existencialismos: os primeiros, que são cristãos, e entre os quais eu listaria Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e por outro lado, os existencialistas ateus, entre os quais é preciso colocar Heidegger (SARTRE, 2010, pg. 23).

A conferência foi publicada em 1946 com o mesmo título. Essa publicação incitou uma reação dada por Heidegger numa publicação de 1947 que viria a ser intitulada “**Carta sobre o humanismo**”, na qual Heidegger denegou a pertinência de qualificar sua filosofia como uma vertente do existencialismo ateu e evidenciou de que modo seu pensamento é incompatível com o humanismo.

Além dessa contextualização mais ampla de cunho propriamente filosófico, pode ser destacado, no âmbito mais específico da própria literatura da geografia, o livro publicado por John Pickles em 1985 “**Phenomenology, Science and Geography: Spatiality and the Human Sciences**”. Nesse livro o geógrafo fez um balanço sistemático e abrangente da assimilação da fenomenologia na ciência geográfica pelos pioneiros da geografia humanista anglófona. Pickles se posiciona nos seguintes termos, em sua obra, acerca da relação entre a fenomenologia e o humanismo:

Para o meu presente propósito, será necessário colocar entre parênteses as declarações do humanismo na medida em que são independentes das alegações relativas à fenomenologia. Em grande medida, é claro, **não** são independentes. A fenomenologia na geografia é impregnada com a linguagem e reivindicações humanistas. Por agora gostaria apenas de **deixar claro de que modo a fenomenologia não corresponde necessariamente ao humanismo**. No final, eu espero tornar esta assertiva mais radical e, **com base em Heidegger, mostrar: [...] em que medida, se ela se compreende propriamente, a fenomenologia nunca poderá ser**

um “humanismo”² [...] (PICKLES, 1985, pg. 50, tradução nossa, grifo nosso).

Cabe ressaltar que, embora estritamente convergente à posição enunciada na citação acima, os limites do presente texto são mais restritos daqueles problematizados por Pickles, na medida em que toma como referência a relação entre a fenomenologia e a pesquisa brasileira filiada ao horizonte humanista na Geografia.

A geografia humanista realizada no Brasil se desenvolveu tendo como referência os pioneiros da década de 1970, de tal modo que em seu interior pode-se identificar também, mesmo diante de seu patente ecletismo teórico, uma vertente que se fundamenta na fenomenologia (MARANDOLA, 2013). Ainda de modo mais restrito, o presente texto se concentrará, como referência para análise, nos textos dessa vertente que requisitaram diretamente o pensamento de Martin Heidegger para fundamentar uma perspectiva humanista na geografia.

O texto estará organizado em duas partes principais, das quais a próxima exporá a incompatibilidade entre o pensamento de Heidegger e o humanismo, trazendo à tona a posição expressa do filósofo contida no livro “**Carta sobre humanismo**”. A parte subsequente vamos comparar a posição de Heidegger com o modo ambíguo com o qual seu pensamento foi requisitado para fundamentar um humanismo na geografia.

Sobre a incompatibilidade entre o pensamento de Heidegger e o Humanismo

Para expor a posição básica que Heidegger assume em relação ao *humanismo* em geral em sua publicação “**Carta sobre o humanismo**” observamos adequado dar início à nossa exposição recorrendo à seguinte citação:

[...] a ec-sistência do homem é a sua substância. Por isso, em **Ser e Tempo**, sempre de novo retorna a frase: ‘A ‘substância do homem é a existência’ [...]. Mas ‘substância’, pensada dentro da História do ser, já é uma tradução, que encobre o sentido, de *ousia*, palavra que evoca a essencialidade do que se essencializa, mas que, por uma misteriosa equivocidade, significa, na maioria das vezes, o que se essencializa. Se pensarmos o termo metafísico ‘substância’ nesse

2 For my present purposes it will be necessary to bracket the claims of humanism insofar as they are independent of claims concerning phenomenology. In large measure, of course, they are not independent. Phenomenology in geography is suffused with humanist claims and language. For the present I wish only to make clear in what ways phenomenology does not also necessarily equate with humanism. In the end I hope to make this claim more radical and, through Heidegger, to show: [...] how, if it knows itself properly, phenomenology can never be a ‘humanism’ [...] (PICKLES, 1985, pg. 50).

sentido – que *Ser e Tempo*, de acordo com a ‘destruição fenomenológica’ realizada, já tem em mente [...] – então a frase, ‘a substância do homem é a existência’ não diz outra coisa senão: o modo em que o homem, em sua própria Essência, se essencializa, com referência ao Ser, é in-sistir ec-staticamente na Verdade do Ser [...] (HEIDEGGER, p. 49-50, 2009, grifo nosso).

O filósofo pensa a *ek-sistência* como a Essência³ do homem. A apreensão da *ek-sistência* do homem, nestes termos, corresponderia à experiência de pensar que o “que” lhe é constitutivo de forma ontologicamente mais originária é “o que” está fora. O “fora” é o horizonte histórico de significância que se abre no existir de cada *ser-aí (Dasein)*. Esse horizonte é a totalidade de significados que o mundo é. O que se coloca sob essa orientação é o desafio de apreender que o *ser-aí (Dasein)* é *sempre em um mundo* e, assim, no momento em que se dá o ex-istir (*ek-sistere*) do *ser-aí (Dasein)*, já sempre se abriu nesse existir um espaço compreensivo em que descerra o próprio existir. O que há aqui é o esforço de pensar uma experiência mais originária da relação entre “homem” e “mundo”, onde não há primeiro o homem e, depois, o mundo – ou vice-versa – mas antes uma experiência de abertura que, enquanto abertura, abre a própria relação homem-mundo (HENRIQUE, 2014). Essa experiência mais originária é pensada por Heidegger pela estrutura *ser-no-mundo*. É nesse sentido que o filósofo afirma que o *ser-no-mundo* é o traço fundamental da *humanitas* do *homo humanus* (HEIDEGGER, 2009).

A *ek-sistência* no pensamento de Heidegger não corresponde, absolutamente, à determinação de um fundamento do *ser-aí (Dasein)*. A *ek-sistência* revela, ao contrário, que o *ser-aí (Dasein)* não possui um fundamento ou algo como uma interioridade *a priori*, mas que ele “essencializa” ao *ek-sistir*, isto é, o *ser-aí (Dasein)* é em meio à dinâmica de realização de sua *ek-sistência*. Por esse motivo, sua posição é radicalmente diversa de todas as formas de apreensão do homem que esposam uma determinação prévia de seu ser, como é invariavelmente corrente no bojo dos humanismos em geral. Isso, pois

[...] Por mais diversas que sejam, segundo suas finalidades e seus fundamentos, quanto aos modos e meios de suas realizações específicas ou consoantes à forma de suas doutrinas, essas espécies de humanismos, na realidade, coincidem no fato de todas elas

3 Nesse texto seguiremos a sugestão do tradutor de “**Cartas sobre o humanismo**”, Emmanuel Carneiro Leão. Ele sugere que a palavra Essência seja escrita com letra maiúscula, pois segundo o tradutor “[...] Esse substantivo não designa no texto essência, natureza, quididade, mas a estrutura em que vigora, isto é, desenvolve a força de seu vigor, o agir [...]” (HEIDEGGER, p. 23, 2009). Assim sendo, utilizaremos Essência com letras maiúsculas para designá-la de acordo com o pensamento heideggeriano e essência em minúscula para designar o modo como a tradição a define como uma substância, uma quididade.

determinarem a *humanitas* do *homo humanus* a partir de uma interpretação já assentada da natureza, da história, do mundo, do fundamento do mundo, isto é, a partir de uma interpretação já assente do ente em sua totalidade.

Todo humanismo ou se funda numa metafísica ou se converte a si mesmo em fundamento de uma metafísica. Toda determinação da Essência do homem, que já pressupõe, em si mesma, uma interpretação do ente sem investigar – quer o saiba ou não – a questão sobre a Verdade do Ser, é metafísica. Por isso, a característica própria de toda a metafísica – e precisamente no tocante ao modo em que determina a Essência do homem – é ser ‘humanista’. Em consequência, todo humanismo permanecerá sempre metafísico. Ao determinar a humanidade do homem, o humanismo não só não questiona a referência do Ser à Essência do homem. Ele até impede tal questionamento uma vez que, devido à sua proveniência da metafísica, nem o conhece nem o entende [...] (HEIDEGGER, 2009, p. 37, grifo do autor).

A relação inextrincável entre humanismo e metafísica nos termos indicados por Heidegger (2009) foi considerada por Blanc (1998) da seguinte forma:

[...] Sem ser nossa intenção discutir os diversos tipos de humanismo, o seu caráter próprio e a sua validade, importa-nos porém reter aqui, que a cada determinação da essência do homem corresponde sempre, explícita ou implicitamente, uma certa concepção do ente como tal e em totalidade. [...] Contudo, não somente a pergunta sobre o homem requer uma interpretação do ente como tal e em totalidade, como também a pergunta sobre o ente como tal e em totalidade recai de uma forma eminente sobre a realidade humana que interroga, pondo-a desta forma em questão, reclamando a determinação da sua essência. Pode-se por isso dizer, que todo o humanismo é metafísico e que toda a metafísica é, no seu projeto essencial, um humanismo. Metafísico e humanismo implicam-se mutuamente, são como que a dupla face de uma mesma interrogação, cujo percurso é determinado pela pertença recíproca e enigmática do ser e do homem (BLANC, 1998, p. 62-63).

Por fim o filósofo é enfático ao afirmar que

[...] o único pensamento a se exprimir é que as determinações humanistas da Essência do homem, ainda mesmo as mais elevadas, não chegam a fazer a experiência do que é propriamente a dignidade do homem. **Nesse sentido o pensamento de *Ser e Tempo* é contra o humanismo** [...] (HEIDEGGER, p. 50, 2009, grifo nosso).

É importante chamar atenção para o fato de que um pensamento que é contra o humanismo não deve induzir, de modo precipitado, a ideia de que se promova um pensamento que se coloque a favor do inumano. Ao invés disso, o filósofo

alemão se limita em chamar a atenção para o fato de que pensar o ser do homem a partir do humanismo – seja ele qual for – não permite a experiência de pensamento desenvolvida em **“Ser e Tempo”**. Pois, para o filósofo, todo o humanismo se desenvolveria a partir de uma determinação do ser do homem na totalidade. Essa determinação do ser do homem acaba sendo contrária ao que Heidegger desenvolveu em **“Ser e Tempo”** a partir na noção de *ser-aí (Dasein)*. O que está em jogo para Heidegger com a noção de *ser-aí (Dasein)*, é que o *ser-aí (Dasein)* se dá em meio a uma “nadidade” estrutural que o caracteriza como puro poder-ser (CASANOVA, 2013a; 2013b).

O ponto que interessa ao presente texto de maneira saliente – e que vem à tona de modo patente na **“Carta sobre o humanismo”** – é o modo mesmo com o qual Heidegger expõe de forma cabal que a experiência de pensamento almejada em **“Ser e tempo”** é incompatível ao humanismo. Portanto, a posição diversa com a qual Heidegger se coloca em relação ao humanismo na **“Carta sobre humanismo”** possui como base o próprio horizonte de pensamento intrínseco à *analítica do ser-aí (Dasein)*⁴ como elemento central de **“Ser e tempo”**. Cabe, assim, considerar no que segue o que poderia significar uma interpretação humanista do pensamento do filósofo.

O problema da leitura humanista do pensamento de Heidegger na pesquisa brasileira em geografia humanista

Nosso objetivo nessa seção é analisar a interpretação humanista do pensamento de Heidegger, que passa ao largo da própria posição do filósofo em relação ao humanismo e, não apenas isso, requisita a filiação ao filósofo para, reiteradamente, fundamentar uma corrente humanista na ciência geográfica.

Consideramos, nesse contexto, que se destacam as contribuições do geógrafo Eduardo Marandola Jr., referência quando tem em vista o volume expressivo de publicações dessa corrente na geografia brasileira, sobretudo saliente quando se trata da relação entre fenomenologia, o pensamento de Heidegger e geografia humanista. Sendo assim, passamos a analisar os textos em que, mantendo a interpretação da filosofia fenomenológica pela via da fenomenologia existencial, o geógrafo requisitou o pensamento de Heidegger para propor um humanismo autêntico na geografia (MARANDOLA JR., 2003; 2005; 2010).

4 De maneira introdutória, pelos limites desse texto, é preciso indicar que o projeto filosófico presente na obra **“Ser e Tempo”** possui na *analítica do ser-aí (Dasein)* o caminho de investigação sobre o sentido do Ser, isto é, do projeto de reabilitação da questão ontológica através da ontologia fundamental.

No artigo de 2005, “**Humanismo e a abordagem cultural em Geografia**”⁵, Marandola Jr. começa o texto argumentando que o humanismo possui como traço fundamental atribuir ao homem um valor, isto é, um parâmetro de medida para a própria ciência. É a partir dessa concepção de humanismo que o autor recorrerá à Heidegger para desenvolver a ideia de um humanismo autêntico.

[...] Nesta carta [carta sobre o humanismo], Heidegger [...] coloca a problemática do humanismo sob o prisma existencialista, indagando a essência do homem, vinculado à sua existência ou ex-sistência. É nesta problemática que procuramos trabalhar o sentido do humanismo como valor para a ciência, em geral, e para a Geografia, em particular (MARANDOLA JR., 2005, p. 395).

Inicialmente é importante chamar atenção para associação que o geógrafo faz entre o livro de Heidegger, “**Carta sobre o humanismo**”, e o humanismo existencialista. Pois, de maneira sucinta, como foi indicado na introdução, esse livro resultou de uma resposta a Sartre por tê-lo enquadrado dentro de um existencialismo ateu e, como foi registrado, o filósofo alemão contra-argumentou que as questões que ele havia tratado em “**Ser e tempo**” não se enquadravam no existencialismo e nem no humanismo.

Para desenvolver sua proposta de pensar o humanismo autêntico, Marandola Jr. argumenta que

[...] Na acepção de Heidegger, para atingir este objetivo [do humanismo autêntico] é necessário *re-descobrir a Metafísica*, pois ela desconhece a questão central da busca do pensamento heideggeriano: a relação do ser com o ser humano e a busca da verdade do ser (MARANDOLA JR., 2005, p. 396, grifo nosso).

Essa orientação de se almejar alcançar um humanismo autêntico a partir de uma redescoberta da metafísica pode ser constatada ainda em outra parte do texto, quando o geógrafo afirma que

O humanismo autêntico para Heidegger, portanto, é uma busca. Mas suas diretrizes mostram alguns pontos centrais, que servem de guias mestras na continuação desta procura. Este humanismo ainda não foi encontrado, *nem outra Metafísica foi formulada*. Permanece grande parte do cenário filosófico que Heidegger deixou quando faleceu.

5 Os artigos publicados por Marandola Jr. em 2005 e 2010, que são citados nessa seção, são resultados da monografia apresentada por ele na conclusão de seu bacharelado em geografia, no ano de 2003, intitulada “**Londrinas’ invisíveis: percorrendo cidades imaginárias**”. De forma mais específica, o artigo de 2005 corresponde ao debate desenvolvido pelo autor no capítulo 2: HUMANISMO E O ENFOQUE CULTURAL EM GEOGRAFIA: por uma ciência humanista e orgânica. Para desenvolvimento dessa seção, optou-se pela utilização direta dos artigos.

Não é fácil prever os desdobramentos nesta inquietação (MARANDOLA JR., 2005, p. 398, grifo nosso).

O problema patente que se coloca na posição assumida por Marandola Jr. (2005) ao recorrer ao texto de Heidegger para discutir uma proposta de humanismo para geografia está – para além do equívoco de base de aspirar conciliar o filósofo com uma via científica humanista – também, no fato de associar esse esforço à necessidade de retomar a metafísica. Pois, por mais que em seu texto o geógrafo tenha reproduzido a crítica do filósofo ao humanismo como metafísico, parece que o horizonte mesmo dessa crítica não foi absolutamente compreendido. E, assim, desde esses equívocos de base interpretativa bastante elementares, advirão uma série de consequências. Em primeiro lugar o fato evidente de que Heidegger, ao criticar o humanismo como metafísico, não pretendia, de modo algum, prescrever ou elaborar outra metafísica. Em segundo lugar – e como decorrência das deturpações interpretativas de base – na medida em que a crítica ao humanismo metafísico conflui para a crítica à assunção do homem como “valor de medida”, a filiação almejada ao filósofo, por parte do geógrafo, transfigura radicalmente as resoluções mais elementares do filósofo, para quem

[...] Trata-se de se compreender de uma vez por todas, que ao caracterizar algo como um ‘valor’, se lhe rouba a dignidade. O que quer dizer: ao se avaliar uma coisa como valor, só se admite o que assim se valoriza, como objeto de avaliação do homem. Ora, o que uma coisa é, em seu ser, não se esgota em sua ob-jetividade e principalmente quando a ob-jetividade possui o caráter de valor. Toda valorização, mesmo quando valoriza positivamente, é uma subjetivação. Pois ela não deixa o ente ser mas deixa apenas que o ente valha, como objeto de sua atividade [...]. **Pensar em termos de valor é aqui, como alhures – a maior blasfêmia que jamais se possa pensar com relação ao Ser** (HEIDEGGER, 2009, p.78, grifo nosso).

Sendo assim, qualquer tentativa de requisitar o pensamento de Heidegger para fundamentar uma ciência humanista e, principalmente, considerando o homem como a medida primordial é – no mínimo – um contrassenso, quando se tem em vista a posição do filósofo como referência.

Marandola Jr. retoma ainda essa proposta do humanismo autêntico em outro artigo de 2010, “**Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**”, nos seguintes termos:

[...] O que busco com a evocação de Heidegger é um sentido, uma direção: o Humanismo que pode permear a Ciência, em geral, e a Geografia, em particular, é aquele que tem no homem seu peso e

valor; homem como fim e meio para a Ciência (MARANDOLA JR., 2010, p. 15).

Como é patente na citação acima, ao pretender pensar o humanismo autêntico com base em Heidegger, colocando o homem como medida e valor da ciência geográfica (MARANDOLA JR., 2003; 2005; 2010), o geógrafo perde de vista um dos aspectos fundamentais da crítica desenvolvida pelo filósofo na “**Carta sobre o humanismo**”, que possui como base o fato do humanismo atribuir ao *ser-á (Dasein)* a condição de um déspota do ente, por meio da subjetividade moderna. Mas o que quer dizer subjetividade moderna? Essa subjetividade deve ser compreendida nos seguintes termos:

A subjetividade põe os limites e as condições em que algo pode vir à objetividade em que algo vem, simplesmente, a ser. O real – e o possível – é concebido à medida do homem que, tácita ou explicitamente, se encontra situado no centro decisório. O ‘*humanismo*’, ao que a filosofia da subjetividade abre caminho, não é simplesmente uma atitude moral ou uma ideologia, é a metafísica da época moderna (RODRIGUES, 2016, p. 49, grifo do autor).

Desse modo, ao atribuir através do humanismo autêntico o homem como o valor de medida da ciência geográfica, Marandola Jr. acaba reproduzindo o humanismo característico da metafísica moderna, que foi criticado com clareza inequivocamente expressa por Heidegger na própria “**Carta sobre o humanismo**”.

É importante destacar que a incompatibilidade entre o humanismo e o pensamento de Heidegger que foi apresentado até aqui e, por conseguinte, a impossibilidade de requisição de seu pensamento para fundamentar uma perspectiva humanista no interior de uma ciência, constitui um traço solenemente ignorado na pesquisa brasileira filiada ao horizonte humanista na geografia, incidindo mesmo numa série de publicações recentes (MARANDOLA Jr., 2012; 2016). Além disso, ainda se pode constatar que esse problema acabou por se reproduzir em inúmeros outros artigos de geógrafos que seguem essa orientação, como, por exemplo o artigo “**Geografia existencialista: notas para uma fenomenologia da humanidade**” (FERREIRA, 2013). Nesse texto, o autor retoma a proposta de Marandola Jr. (2005) de atribuir ao homem, a partir do humanismo autêntico, o valor e a medida da ciência geográfica ao afirmar que, “[...] o humanismo em geografia a partir do “método” fenomenológico existencialista vem propor um retorno ao ser humano enquanto o centro do mundo [...]” (FERREIRA, 2013, p. 161). Por mais que no artigo Ferreira não tenha o pensamento de Heidegger como base exclusiva de reflexão, é patente – como evidencia a citação acima – o alinhamento com interpretação humanista da fenomenologia, promovida por publicações como aquelas anteriormente citadas (MARANDOLA JR., 2005;

2010) que evocam o filósofo para amparar um “humanismo autêntico” na geografia. Caberia perguntar se, de modo mais generalizado, a interpretação promovida do pensamento de Heidegger no interior da vertente fenomenológica do horizonte humanista da geografia brasileira não estaria promovendo uma assimilação de seu pensamento em franco desacordo com as premissas que lhe são mais próprias. O que poderia acarretar, de um modo mais geral, numa profunda deturpação da assimilação de seu pensamento na ciência geográfica produzida correntemente em nosso país.

Considerações Finais

O elemento decisivo do presente texto não foi retomar a crítica à interpretação humanista do filósofo no interior da ciência geográfica – na medida em que a retomada desta crítica também é, ela própria, anacrônica – mas, principalmente, indicar como essa interpretação pode restringir o alcance do pensamento do filósofo na geografia. Uma indicação dessa restrição vem à tona por si mesma quando se observa que na publicação da “**Carta sobre o humanismo**” o filósofo tem em vista remediar os equívocos que, então, em 1946, incidiam sobre a interpretação de sua obra magna, a saber, “**Ser e Tempo**”. Como se sabe, o propósito primordial não somente de “**Ser e Tempo**”, mas que envolve todo o pensamento do filósofo é dedicado à necessidade de retomar a *elaboração da questão do sentido do ser*. Somente tendo em vista a premência desta questão cardeal é que se pode apreender o modo com o qual a interpelação do homem, enquanto *ser-aí* (Dasein), implica a incursão numa esfera de problematização filosófica até então inaudita do próprio homem, radicalmente distinta de toda modulação e tradição humanista. É sob essa via que “**Ser e Tempo**” encampa o projeto de uma ontologia fundamental – que não se confunde, absolutamente, com uma ontologia do ser *humano*. Ao contrário, a ontologia fundamental, ao se colocar para si a tarefa de recolocação da questão do ser é premida à tarefa de elidir a análise do ente que pode colocar em questão o sentido do ser. De tal forma que o primeiro passo na recolocação da questão sobre o sentido do ser se articula com a analítica do ser-aí (Dasein), enquanto o ente que possui o primado ôntico-ontológico da colocação da questão do ser e, somente por isso, constitui o ente que deve ser primeiro *investigado em seu ser* para encetar a questão do sentido do ser. Ora, na medida em que o modo adequado de acesso fenomenológico ao ente (o ser-aí) cuja análise constitui a fonte da elaboração da questão do ser não pode supor nenhuma concepção prévia acerca do ser deste ente (do ser-aí) – na medida em que tal suposição recairia numa concepção do ser pressuposta e, assim, encerraria um contrassenso à elaboração da questão do ser, o modo mesmo com o qual o

“homem” é interpelado na analítica do ser-aí (Dasein) é radicalmente incompatível com qualquer concepção “humanista” do homem, pois estas esposam uma compreensão prévia do ser do homem. Nesses termos é, em certa medida, compreensível que mesmo depois de mais de 4 décadas da eclosão do horizonte humanista, a despeito de sua vertente fenomenológica, ela tenha permanecido um *locus* estéril no sentido de fomentar uma investigação sobre a fundamentação ontológica na geografia que revelasse o caráter imprescindível do geógrafo acolher legitimamente a tarefa da analítica do ser-aí (Dasein). Enquanto o compromisso desta vertente permanecer mais fiel ao caráter institucional do horizonte humanista na Geografia do que à assimilação responsável do pensamento do filósofo tal redirecionamento lhe será inacessível. Daí, também, permaneça ininteligível entre os geógrafos em geral o sentido com o qual uma investigação ontológica na ciência geográfica poderia exigir que o geógrafo assume a analítica do ser-aí (Dasein) como tarefa imprescindível para divisar uma via de problematização do espaço enquanto fenômeno originário do ser-aí (Dasein), que estaria à base de todas as formulações e representações teóricas sobre o espaço geográfica nesta disciplina.

Referências

- BLANC, Mafalda de Faria. *Estudos sobre o ser*. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- CASANOVA, Marco Antônio. *Compreender Heidegger*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013a.
- _____. *Eternidade frágil: ensaio de temporalidade na arte*. RJ: Via Veritas, 2013b.
- FERREIRA, Rafael Bastos. Geografia existencialista: notas para uma fenomenologia da humanidade. *Revista Ra'e Ga – Curitiba*, v. 29, p. 157-176, dez/2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2009.
- HENRIQUES, Rafael Paes. *Tecnologia, objetividade e superação da metafísica*. Vitória: EDUFES, 2014.
- MARANDOLA Jr., Eduardo. Fenomenologia e Pós-Fenomenologia: Alternativas e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. *Geograficidade*, RJ, v.3, n.2, Inverno. 2013.
- _____. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. *Geografia*, Rio Claro, v. 37, p. 81-94, jan/abr. 2012.
- _____. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set/dez. 2005.
- _____. Humanismo e arte para geografia do conhecimento. *Geosul*, Florianópolis, v.25, n; 49, p. 7-26, jan./jun. 2010
- _____. Identidade e autenticidade dos lugares dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and Placelessness, de Edward Relph. *Geografia*, Rio Claro, v. 41, n. 01, p. 05-15, jan/abr. 2016.
- _____. *“Londrinas” invisíveis: percorrendo cidades imaginárias*. 2003. Trabalho de conclusão de curso. 242f. (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, 2003.
- PICKLES, John. *Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- RODRIGUES, Ramón. *Hermenêutica e subjetividade*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Sobre os autores

Josimar Monteiro Santos: Mestre e licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e licenciado em História pela Universidade de Uberaba (Uniube), com especialização em teologia e psicopedagogia institucional pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd (Isecub). Pesquisa nas temáticas ontologia do espaço, fenomenologia e horizonte humanista na geografia.

Luiz Carlos Tosta dos Reis: Professor Associado I na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), é doutor, mestre e graduado pela mesma universidade e graduado em administração pelas Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa). Tem experiência nas temáticas espaço intra-urbano, ontologia do espaço, geografia crítica, centralidade e descentralização.

* * *

ABSTRACT

The problem of the humanist interpretation of Martin Heidegger's thinking in Brazilian humanist geography

The present work looks forward to problematize the humanist interpretation of philosopher Martin Heidegger's thought in the phenomenological current of Brazilian humanist geography. This problematization was organized following two moments. The first, being the demonstration of the irreconcilable incompatibility between Heidegger's thought and Humanism, which can be proved by his 1947 work entitled "Letter on Humanism". The second moment is dedicated to the analysis of the works from the geographer Eduardo Marandola Jr., considered as a reference author for the phenomenological current of humanist geography in Brazil, in regards to a requisition of Heidegger's thought in order to justify a humanistic perspective on Geography. This requirement is contrary to the position of the referred philosopher, as it is demonstrated along the development of this text.

KEYWORDS: Heidegger, humanism, Brazilian humanistic geography.

RESUMEN

El problema de la interpretación humanista del pensamiento de Martin Heidegger en la geografía humanista brasileña

El presente trabajo busca problematizar la interpretación humanista del pensamiento del filósofo Martin Heidegger en la vertiente fenomenológica de la geografía humanista brasileña. Esta problematización se organizó siguiendo dos momentos, siendo el primero la demostración de la irreductible incompatibilidad entre el pensamiento de Heidegger y el Humanismo que puede ser comprobada en su obra de 1947, titulada "Carta sobre el Humanismo". El segundo momento se dedica al análisis de los trabajos del geógrafo Eduardo Marandola Jr., considerado autor de referencia de la vertiente fenomenológica de la geografía humanista en Brasil en lo que se refiere a la petición del pensamiento de Heidegger para fundamentar una perspectiva humanista en la geografía. Esta petición contradice la propia posición del referido filósofo como se demostrará en el desarrollo del presente texto.

PALABRAS CLAVE: Heidegger, humanismo, geografía humanista brasileña.